

**CEDI**

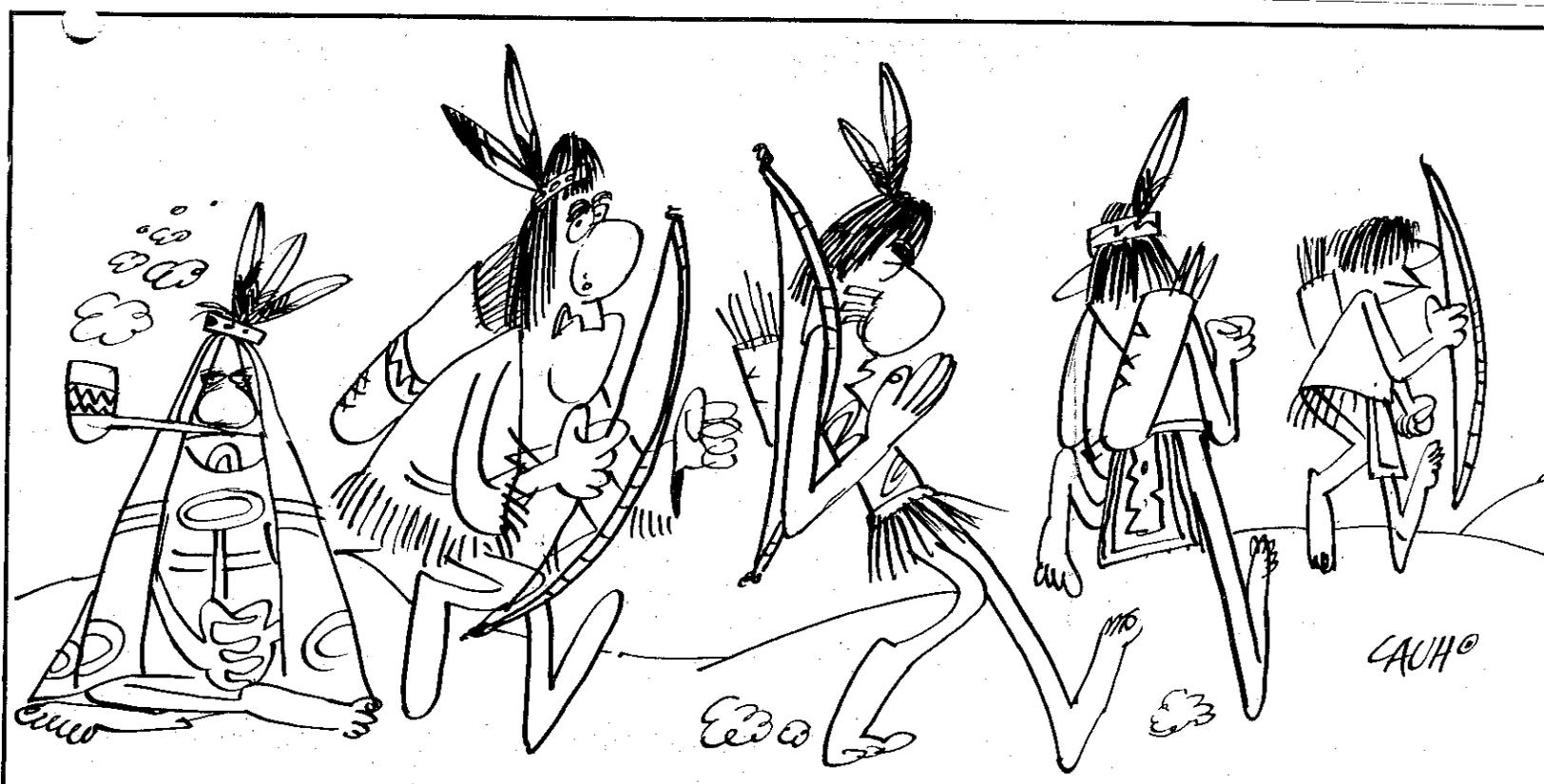
## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: 2 Diário do Minas Class.: 70

Data: 23/04/88 Pg.: \_\_\_\_\_

# Maxacalis 1980 insistem na unificação das suas aldeias

*No último dia 20, encerramento da Semana do Índio, a Assembléia Legislativa de Minas Gerais foi convocada a garantir a sobrevivência da tribo dos maxakali. Documento com mais de 8 mil assinaturas, dentre as quais 50 de constituintes, e as restantes de sindicatos de trabalhadores, entidades de defesa das minorias, igreja e outras tantas, exigem a retirada dos fazendeiros de dentro da reserva dos Maxakali e a reunificação de suas duas aldeias: Pradinho e Água Boa.*



# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Diária de Minas Class.: 8

Data: 23/04/88 Pg.: (cont)

Os maxacalis vivem no município de Bertópolis, Vale do Mucuri. De 1955 para cá seus problemas se agravaram e pioraram muito de 1967 em diante, depois que as aldeias de Pradinho e Água Boa passaram a ser controladas pela Polícia Militar. A ação se estendeu até 1972.

No comando das duas aldeias esteve o então capitão da PM, Manoel dos Santos Pinheiro. Antes sem qualquer propriedade na região, hoje é dono de mais de mil cabeças de gado, uma fazenda na área em litígio e aliado de políticos que favorecem os grileiros das terras indígenas.

Da atuação da PM na região ficou a morte de Geo Maxakali espancado pela polícia por estar bêbado. Também a terra entre as duas aldeias foi "arrendada" para fazendeiros que soltavam seu gado e os índios nada recebiam. Sem apoio e enfrentando problemas de falta de chuvas, os maxacali se tornaram dependentes de produtos agrícolas industrializados, vendidos num armazém instalado na aldeia de Água Boa.

### Ação política

Desde 1982 não conseguindo submeter os índios à sua vontade, fazendeiros e políticos da região tentam usar as mais de 1.500 famílias de sem-terra para pressionar o Poder para conceder-lhes terras dentro da reserva dos Maxakali.

Estudos realizados por profissionais do Cedefes — Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva, apontam o poder destes latifundiários: suas 22 propriedades ocupam um terço do município. Outras 163 propriedades tomam a metade, além de 256 pequenas propriedades que ficam com mais um sexto do território do município de Bertópolis.

O que constatou o Cedefes foi que a reserva Maxakali corresponde a apenas um sexto de todo o território e os grandes latifundiários e grileiros iludem a população dizendo que os índios não precisam de tanta terra e que sequer trabalham.

As fazendas de gado proliferaram pela região. Os estudos apontam a existência de cerca de 2 mil famílias no município e apenas 471 delas possuem terra. Demograficamente existem 10 habitantes por km quadrado.

Das 471 propriedades rurais, apenas 31 delas se dedicam à atividade agrícola, as outras 440 vivem do gado. Nestas medidas os contrastes se intensificam, a fome é grande, sobram bois: são 38.580 cabeças contra uma população estimada de 10.302 habitantes. Os grandes criadores em sua maioria querem as terras dos índios para servirem de pasto. As 20 maiores propriedades de gado ocupam mais de 50 vezes a área de reserva dos Maxacalis.

Método semelhante foi usado pelos cowboys dos Estados Unidos: os melhores pastos foram tomados dos índios e empurrados contra eles levas e levas de migrantes em busca de terras para a agricultura. Dentro deste processo, os Maxakalis morrem de desnutrição, falta de atendimento médico e assassinatos das mais diversas formas: tiros, esfaqueamentos, tocaias e até atropelamentos nas estradas.

Fazendeiros, políticos e o ex-chefe da Funai na região, capitão Manoel Santos Pinheiro não se cansam de afirmar que os maxakalis não são mais índios. Dizem que não passam de um bando de bêbados preguiçosos.

Para fortalecer este processo os fazendeiros fundam em 1982 a precursora da UDR na Região, trata-se da Associação dos Fazendeiros e colonos de Bertópolis. Também nesta época o Partido dos Trabalhadores começa seu trabalho na região. São inúmeras as denúncias contra o maniqueísmo dos poderosos.

Corre processo na justiça, aberto pelo capitão reformado Manoel dos Santos Pinheiro, contra o padre Gazel, que apoiou a luta dos Maxakali e ligou-

se à campanha do PT. Em 1982 os CEB's, sindicato dos trabalhadores rurais e o PT são proibidos de reunirem-se. A cisterna da sede em Santa Helena é envenenada e muitos dos ligados ao movimento são perseguidos e espancados. A Polícia Militar vigia as estradas e a situação fica muito tensa.

### A Funai apóia agressores.

O coordenador da regional Leste do CIMI — Conselho Indigenista Missionário, Fábio dos Santos, lembrou que nesta época a Funai tenta evitar o fortalecimento da luta dos Maxacalis. O processo utilizado foi a implantação do Projeto de Desenvolvimento Integrado e Assimilação.

Tudo consistia na tentativa pior da aculturação. Diversos professores e estagiários são levados para as aldeias com o objetivo de refazer a mentalidade do povo "atrasado e revoltado". O plano não surtiu efeito, os Maxakali, apesar de não terem direito ao voto, acompanharam as eleições, participaram de diversas reuniões e denunciaram, pela primeira vez à imprensa sua situação gritante. Deram nomes e apontaram os bois. Por fim exigiram a reunificação das duas aldeias de Água Boa e Pradinho, separadas por fazendas de gado.

### Agressões

As mais bárbaras agressões são cometidas contra os maxacalis: espancamentos, atropelamentos, perseguição nas matas com cachorros bravos, tiros de jagunços, surras de cassetete, bombas são jogadas para assustar, colocação de estiletos no fundo dos rios Umburama e Pradinho, locais onde os índios se banham.

No dia 10 de julho de 1983 o filho do cacique Capitãozinho, Alcides maxakali foi assassinado a pauladas e facadas por três vaqueiros. Em carta enviada para o deputado Mário Juruna em 1º de agosto de 83, os índios Kelezin maxakali, João Tintin Antônio Mariano maxakali e Carmoindo maxakali escreveram: "Alcides foi para Teixeira de Freitas, Bahia, para conhecer cidade. Ele voltou. Chegou em Itanhém pediu ônibus pra trazer até Batinga. O motorista não trouxe. Ele veio andando até Batinga, chegando cansado com vontade de chegar na aldeia dele. Descansou na sombra até que criminosos encontrou ele e matou. Foram 3 vaqueiros: Zé Rolinha, Geraldo e Zé Moura, mandados pelo fazen-

**CEDI**

**Povos**

Fonte:         

Data:         



**A vida dos maxakalis em Minas não tem sido boa**

deiro Laurindo, acompanhando a cabeça do major Pinheiro e Ormino que fez campanha para deputado do PDS falando pra tirar índios da aldeia". Com a cartaa entregue ao ex-deputado Mário Juruna, os maxakali conseguem chamar a atenção da imprensa para seus problemas. O mais importante, conforme colocaram os índios na época, foi não buscar a Funai como seu representante.

Na mesma ocasião a Diocese de Teófilo Otoni divulgou nota à imprensa apontando que Alcides era filho de Capitãozinho, cacique muito respeitado que educou seus filhos dentro de toda a tradição maxakali. Alcides fora preparado para substituí-lo e era extramamente consciente dos problemas e direitos da tribo.

A diocese pedia o esclarecimento do caso pois Geraldo e José Rolinha foram presos em flagrante e vistos em Bertópolis no dia seguinte ao assassinato. No dia 12, sob o argumento de sigilo do inquérito, "ninguém mais soube direito de nada. No dia 13 prestaram depoimento a um delegado especial e apontados como assassinos. Porém desapareceram. A diocese apontou: essa fuga tem responsáveis: políticos, fazendeiros e autoridades policiais."

Os maxakali lembraram que Alcides aprendeu com o pai as velhas lições que fizeram deles um povo forte, corajoso e temido. "O pai ensinou tudo da nossa religião. Muitas vezes ele e seu pai subiam para o MIKAI KAKÁ, lugar sagrado."

Na carta da Diocese de Teófilo Otoni, um alerta às autoridades foi bem claro: "É voz corrente entre o povo, que depois do acordo de paz entre fazendeiros e maxakalis, com o apoio da Funai, qualquer um pode atirar nos índios, porque a Funai não se responsabiliza por eles quando estão fora da área. Na última semana houve pelo menos três ataques aos índios em estradas e no rio, quando estavam pescando. Parece que a morte de Alcides faz parte de uma plano maior. É isso que deve ser investigado. O apelo da Funai à Polícia Federal não teve resposta, isso quer dizer que os fazendeiros estão fortes".

Num outro trecho, frisava: "O capitão Pinheiro é conhecido em Belo Horizonte como ecólogo, defensor dos peixes e dos rios. Mas foi ele que em 1972 expulsou os krenacks de suas terras. É temido pelos maxakalis e por isso recebeu como presente dos fazendeiros uma fazenda vizinha da aldeia

do Pradinho. Embora não exista cerca, a fazenda está cheia de gado e os vaqueiros penetram armados em território demarcado maxakalis".

Novamente eleições se aproximam. Os semterra de Bertópolis estão atentos. Novas articulações tomam conta da região pois agora o PMDB é situação. Os antigos líderes do PDS já estão compondo. A polícia é a mesma e os grandes fazendeiros continuam insistindo que os maxakalis não precisam de tanta terra. Os fazendeiros não plantam pastos em suas fazendas, a terra maxakalis é boa.

### Militarização

A história das tribos indígenas de Minas é triste sem despistar o processo de aculturação. O Serviço de Proteção ao Índio, em 1966, juntamente com a Polícia Militar de Minas Gerais, implanta a Grin — Guarda Rural Indígena. Sem religião e sem educação, as duas instituições tratam de militarizar os índios.

A central foi instalada num dos prédios da Cavalaria de Belo Horizonte e o quadro era dos mais deprimentes: soldados sem um mínimo de respeito ou informação cultural para tratar com os mais diversos representantes das 120 nações indígenas do país, instruíam.

Também a relação entre os convocados era difícil: não falavam a mesma língua, tinham costumes diferentes e o restrito mundo militar não ia além dos muros. Nos alojamentos se amontoavam nos colchões sobre o assoalho e não havia pagamento.

Muitos não sabiam exatamente por que estavam ali. Andavam mudos, desconfiados e o mau cheiro do alojamento era grande. O banho era de mangueira e muitas vezes à força. Outros membros da Grin foram instalados numa minúscula casa dentro do Instituto Agrônômico do Horto Florestal, no bairro do Horto.

Tanto os que faziam treinamento militar quanto os que aprendiam lidar com tratores e veículos, sentiam-se muito isolados.

Os visitantes notavam a solidão de quase todos. Além da alimentação, eles não tinham cigarros, produto que pediam insistentemente a todos os que chegavam fumando. A falta de relação sexual também era denunciada. Os Maxakali diziam constantemente: merenekre, merenekre (mulher).

A experiência não foi longe. Os índios não se adaptaram, a PM não logrou grandes triunfos: a Funai ficou mal.

O patrono da Grin, capitão Manoel dos Santos Pinheiro, não entendia nada de índio nem de militarismo. Não ser um oficial de carreira, mas sim, contratado, oriundo da Polícia Florestal do Ministério da Agricultura, extinta no início da Revolução de 64. O então funcionário da Polícia Florestal foi parar nos quadros do IEF — Instituto Estadual de Florestas — e de lá na PM.

Segundo velhos companheiros de serviço, sua profunda percepção da problemática indígena não ia além das Coleções de Gibi, entre elas, a "Colt — 45". Nesta, os índios americanos eram sempre selvagens, sanguinários e responsáveis por grandes matanças.